



# LENIN 150

BATALHA DE  
IDEAS

expressão  
POPULAR

LeftWord

tricontinental

# LENIN 150

1ª edição

**LeftWord**

BRUNO DE  
**IDEAS**

**expressão  
POPULAR**

**tricontinental**  
The International Institute for Social Research

São Paulo • 2020

Copyright © 2020 by Editora Expressão Popular

Projeto gráfico e diagramação: ZAP Design

*Ao camarada Lenin em seu 150 aniversário*

Tradução: Miguel Yoshida

Revisão: Lia Urbini e Aline Piva

*Vladimir Ilitch Lenin*

Tradução: Zoia Prestes

Revisão ortográfica da tradução: Maria Lucilia Ruy

Original: MAIAKOVSKI, Vladimir. Vladimir Ilitch Lenin.

Moskva: Sovremennik, 1975, 310 páginas com ilustrações.

*As três fontes e três partes componentes do marxismo*

Tradução: Eric Fischuk

“Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de ‘Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas’ (BY-NC-ND)”



1ª edição: 22 de abril de 2020

EXPRESSÃO POPULAR


Rua Abolição, 201 – Bela Vista


CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

# SUMÁRIO

Nota editorial .....	5
Ao camarada Lenin, em seu 150º aniversário .....	7
<i>Vijay Prashad</i>	
Vladimir Ilitch Lenin (1924) .....	17
<i>Vladimir Maiakovski</i>	
As três fontes e três partes componentes do marxismo .....	117
<i>Vladimir I. Lenin</i>	

## NOTA EDITORIAL

Em celebração aos 150 anos de Vladimir I. Ulianov, Lenin, a Expressão Popular, em parceria com a editora Batalla de ideas, Argentina, LeftWord, Índia, e o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, traz à luz este volume cujo objetivo é manter vivo o pensamento e o exemplo deste que foi um dos mais importantes revolucionários da história. Lenin dedicou e empenhou sua vida em construir uma nova sociedade, baseada não na exploração do ser humano pelo ser humano, mas na cooperação entre si, a partir de novos valores que têm como princípio a humanidade e não a mercadoria.

Para nós, publicar este pequeno volume em meio à pandemia global e à expressão da crise estrutural do capital que vivemos reafirma o nosso compromisso de contribuir na batalha das ideias para que consigamos transformar o mundo estabelecendo novas relações sociais com as quais possamos desenvolver todas as nossas potencialidades humanas e possamos viver pautados no princípio: “de cada um, de acordo com suas possibilidades, a cada um, de acordo com suas necessidades”, como nos disse Marx, ou seja, numa sociedade comunista, sem classes sociais.

Reunimos aqui um breve texto de Vijay Prashad, que figura como apresentação às *Obras escolhidas de Lenin* publicada pela Leftword na Índia, que traz a trajetória política e teórica de Lenin, demonstrando sua preocupação cotidiana e permanente com a construção da organização da classe trabalhadora para a revolução social; o poema “Vladimir Ilitch Lenin”, de Maiakovski, cuja escrita se iniciou logo após a morte do dirigente revolucionário, em janeiro de 1924, e finalizada em outubro deste mesmo ano; e, por fim, o breve e denso texto de Lenin “As três fontes e as três partes componentes do marxismo”, em que ele recupera as tradições das quais Karl Marx se valeu para elaborar sua teoria social, a saber: a Filosofia clássica alemã, a Economia Política inglesa e o Socialismo francês.

Agradecemos a Zoia Prestes, que solidariamente nos autorizou a publicação da sua tradução, direto do russo, do poema de Maiakovski para esta edição e a Eric Fischuk que também de forma solidária traduziu, direto do russo, o texto de Lenin.

É com esse espírito de solidariedade e internacionalismo que comemoramos os 150 anos de Lenin, certos de que construiremos uma nova sociedade a partir da organização e da ação da classe trabalhadora, tomando a experiência de todos os revolucionários da classe trabalhadora como aprendizado, e não como modelo.

São Paulo,  
22/04/2020  
150 anos de Lenin  
Os editores

# AO CAMARADA LENIN, EM SEU 150º ANIVERSÁRIO

*Vijay Prashad<sup>1</sup>*

Vladimir Ilyich Ulyanov (1870-1924) era conhecido por seu pseudônimo – Lenin. Ele era, assim como seus irmãos, um revolucionário, o que no contexto da Rússia tsarista significou, para ele, passar muitos anos na prisão e no exílio. Lenin ajudou a construir o Partido Operário Social-Democrata russo (POSDR) com seu trabalho intelectual e organizativo. Os escritos de Lenin não estão presentes apenas em suas palavras, mas também na somatória da atividade e do pensamento dos milhares de militantes cujos caminhos cruzaram com o dele. Foi notável a habilidade de Lenin para desenvolver as experiências de militantes no reino teórico. Não por acaso, o marxista húngaro György Lukács considerou Lenin “o único teórico à altura de Marx até agora já produzido no interior da luta de libertação proletária”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Vijay Prashad é diretor do Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social e editor chefe da LeftWord Books (Delhi). É editor de *Lenin: Selected Writings [Lenin: obras escolhidas]*, New Delhi: LeftWord Books, 2018.

<sup>2</sup> G. Lukács. *Lenin*. Um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 33.

## Construindo uma revolução

Em 1896, quando greves espontâneas irromperam nas fábricas de São Petersburgo, os socialistas-revolucionários foram pegos de surpresa. Eles não sabiam o que fazer; estavam desorientados. Cinco anos depois, V. I. Lenin escreveu: os “revolucionários atrasaram-se em relação a esse movimento ascensional tanto nas suas ‘teorias’ quanto na sua atividade, não conseguiram criar uma organização permanente que funcionasse continuamente, capaz de *dirigir* todo o movimento”.<sup>3</sup> Lenin sentiu que esse atraso deveria ser corrigido.

A maior parte dos principais escritos de Lenin seguiram essa ideia. Ele explorou as contradições do capitalismo na Rússia (*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, 1896),<sup>4</sup> que lhe permitiu compreender como o campesinato no vasto império tsarista possuía um caráter proletário. Foi baseado nisso que Lenin defendeu a aliança operário-camponesa contra o tsarismo e os capitalistas. Quando a Revolução Russa de 1905 estourou, Lenin foi ao *Novaya Zhizn*<sup>5</sup> (12 de novembro de 1905) para argumentar que “resquícios da servidão” impunham “um fardo cruel em toda massa do campesinato”; os “proletários sob sua bandeira vermelha”, ele escreveu, “declararam guerra contra este fardo”. Não foi suficiente, segundo Lenin, os trabalhadores da cidade lutarem pelas demandas camponesas, e não foi

<sup>3</sup> V. I. Lenin. *Que fazer?* Problemas candentes do nosso movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 105-10.

<sup>4</sup> V. I. Lenin. *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo: abril cultural, 1982.

<sup>5</sup> *Nova Vida*, jornal editado pelos bolcheviques durante novembro e dezembro de 1905. Foi o primeiro jornal legal do Partido Social-Democrata Russo, seu editor foi Maxim Litvinov. Posteriormente, em 1917-1918 uma publicação com o mesmo nome voltou a ser editado, primeiro em Petrogrado e depois em Moscou pelos mencheviques.



suficiente as demandas independentes do campesinato por terra serem atendidas; o que era necessário era aprofundar a unidade entre os trabalhadores do campo e da cidade na luta “contra o domínio do capital” e pelo socialismo. Não havia sentido em ser ingênuo com relação ao fato de que havia relações de classe no interior do “campesinato”, e que os pequenos proprietários tinham seus interesses de classe inerentes a suas pequenas empresas privadas. O estudo de Lenin enfatizou a diferenciação do campesinato para entender que os pequenos proprietários tinham uma lealdade de classe mais próxima aos senhores de terra em termos de defesa da propriedade privada e do direito de explorar os trabalhadores rurais sem terra. Lenin viu com uma clareza cristalina que o desenvolvimento da unidade operário-camponesa tinha de compreender as complexidades do campo, caso contrário o movimento pelo socialismo se desviaria para uma direção pequeno-burguesa.

Outros adversários do tsarismo, além dos bolcheviques (como os social-democratas, os *narodniks*, os socialistas-revolucionários [eseristas] e os mencheviques), não avançaram até o projeto socialista. Lenin entendeu, a partir do seu compromisso com a luta de massas e com suas leituras teóricas, que os social-democratas – como a fração mais liberal da burguesia e dos aristocratas – não eram capazes de dirigir uma revolução burguesa, quem diria um movimento que levaria à emancipação do campesinato e dos operários. Sua contribuição teórica foi elaborada em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática* (1905).<sup>6</sup> As *Duas táticas...* talvez seja o primeiro grande tratado marxista que demonstra a necessidade de uma revolução socialista, mesmo em um país “atrasado”, onde os trabalhadores e os camponeses

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/taticas/index.htm>

precisariam se unir para derrubar as instituições da servidão e levar a sociedade ao socialismo.

Estes dois textos, o de 1896 e o de 1905, mostram Lenin evitando a visão de que a Revolução Russa poderia saltar sobre o desenvolvimento capitalista (como os populistas – *narodniks* – sugeriam) ou que ela deveria passar pelo capitalismo (como os democratas-liberais – os *kadetes*, por exemplo – defendiam). Nenhuma das duas vias era possível ou necessária. O capitalismo já havia se introduzido na Rússia, um fato que os populistas não reconheciam; e podia ser superado por uma revolução operário-camponesa, um fato do qual os democratas-liberais discordavam. A revolução de 1917 e a experiência soviética demonstraram a correção do argumento de Lenin.

Tendo estabelecido que as elites liberais não seriam capazes de dirigir uma revolução operário-camponesa, ou sequer uma revolução burguesa, Lenin voltou sua atenção à situação internacional. Em seu exílio na Suíça, Lenin assistiu como os social-democratas capitularam ao belicismo em 1914 e levaram a classe trabalhadora para a guerra. Rosa Luxemburgo, igualmente desapontada, escreveu: “trabalhadores do mundo unem-se em tempos de paz; em tempos de guerra cortam as gargantas uns dos outros”.<sup>7</sup> Frustrado pela traição dos social-democratas, Lenin escreveu um importante texto – *Imperialismo: estágio superior do capitalismo* (1916)<sup>8</sup> – que desenvolve uma compreensão lúcida do crescimento do capital financeiro e de empresas monopolistas, assim como os conflitos intercapitalistas e interimperialista. Foi neste texto que Lenin explorou as limitações dos movimentos socialistas no Ocidente,

<sup>7</sup> Rosa Luxemburgo. *Rebuilding the International* [A reconstrução da internacional], 1915.

<sup>8</sup> V. I. Lenin. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012

com a aristocracia operária fornecendo uma barreira à militância socialista; e o potencial da revolução no Oriente, onde o “elo mais débil” na corrente imperialista poderia ser encontrado. Os cadernos de Lenin mostram que ele leu 148 livros e 213 artigos em inglês, francês, alemão e russo para esclarecer o seu pensamento sobre o imperialismo contemporâneo. Uma compreensão lúcida do imperialismo deste tipo garantiu que Lenin desenvolvesse uma posição marcada sobre o direito das nações à autodeterminação, tanto fazia se estas nações estivessem dentro do império tsarista ou em qualquer outro império europeu. O núcleo do anticolonialismo da URSS – desenvolvido na Internacional Comunista (Komintern) – situa-se aí.<sup>9</sup>

O termo “imperialismo”, tão central para a expansão da tradição marxista por parte de Lenin, se refere ao desenvolvimento desigual do capitalismo em uma escala global e ao uso da força para manter essa desigualdade. Determinadas partes do planeta – principalmente aquelas que tiveram um passado colonial – permanecem em uma posição de subordinação, com sua habilidade para construir uma agenda de desenvolvimento nacional independente restringida pelos tentáculos do poder político, econômico, social e cultural internacional. Em nossos dias, surgiram novas teorias que sugerem que as novas condições não podem mais ser compreendidas pela teoria do imperialismo leninista. Antonio Negri e Michael Hardt, por exemplo, argumentam que não há mais rivalidade geopolítica restante, que há apenas uma extensão da soberania da constituição dos EUA em escala mundial. Isso é o que eles chamam de Império. O que o

---

<sup>9</sup> Riddell, John; Prashad, Vijay and Mollah, Nazeef (eds.). *Liberate the Colonies. Communism and Colonial Freedom, 1917-1924 [Liberar as colônias. Comunismo e Liberdade colonial]*. New Delhi: LeftWord Books, 2019.

povo – a multidão – deve fazer, eles sugerem, é contestar sobre os termos desta constituição, mas não o fato de sua aspiração global. Outros argumentam que o mundo se achatou, então já não há mais um Norte global que oprime um Sul global, e que as elites de ambas as regiões são partes da ordem capitalista global. Esse é o tipo de teoria que Karl Kautsky desenvolveu sob o nome de “ultraimperialismo”. Lenin respondeu certeira­mente a Kautsky e a esta teoria do “ultraimperialismo” dizendo que este notou que “a dominação do capital financeiro *atenua* a desigualdade e as con­tradições da economia mundial, quando, na realidade, as *acirra*”.<sup>10</sup> Elementos do texto de Lenin são, é claro, datados – foi escrito há 100 anos – e precisariam ser cuidadosamente retrabalhados. Mas a essência da teoria é válida: a insistência na tendência das empresas capitalistas se tornarem monopólios, a crueldade com que o capital financeiro drena a riqueza do Sul global e o uso da força para conter as ambições dos países do Sul em planejar sua própria agenda de desenvolvimento.

Por fim, entre 1893 e 1917, Lenin estudou cuidadosamente as limitações do partido de velho tipo – o partido social-democrata. Se você dedicar algum tempo às *Obras escolhidas*<sup>11</sup> de Lenin durante as décadas antes da Revolução Russa de 1917, você encontrará milhares de artigos e relatórios sobre como fortalecer o trabalho de massa e a construção do partido. Em “Nosso programa”<sup>12</sup> – texto de Lenin de 1899 –, ele enfatiza que o partido deve estar

<sup>10</sup> V. I. Lenin. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 131. Ver também Karl Kautsky, ‘Ultraimperialismo. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kautsky/1914/09/11-1.htm>.

<sup>11</sup> As *Obras escolhidas* em português foram editadas, em Portugal, pela editora Avante!, e no Brasil pela editora Alfa-Omega. Alguns dos textos desta seleção, conforme a edição portuguesa, estão disponíveis em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/escolhidas/index.htm>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1899/09/programa.htm>

envolvido em atividade contínua e não depender de explosões espontâneas ou iniciais. Essa atividade contínua traria o partido para um contato íntimo e orgânico com a classe trabalhadora e o campesinato, bem como ajudaria a germinar os protestos que então poderiam assumir um caráter de massas. Foi esta consideração que levou Lenin a desenvolver sua compreensão do partido revolucionário em *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento* (1902).<sup>13</sup> Lenin desenvolveu ideias fundamentais para a construção de um partido operário-camponês, incluindo o papel dos operários com consciência de classe como a vanguarda do partido e a importância da agitação política entre os trabalhadores para desenvolver uma consciência política genuinamente poderosa contra *toda* tirania e *toda* opressão. Os trabalhadores precisam *sentir* a intensidade da brutalidade do sistema e a importância da solidariedade.

Estes textos – de 1896 a 1916 – prepararam o terreno para que os bolcheviques e Lenin compreendessem como funcionar durante as lutas em 1917. É como uma medida da confiança de Lenin nas massas e em sua própria teoria que ele escreveu sua audaciosa brochura “Os bolcheviques devem conservar o poder de Estado?”<sup>14</sup> poucas semanas antes da tomada do poder. E, conforme os acontecimentos se desenrolaram em 1917, Lenin constantemente tentou teorizar a dinâmica da transformação. A Revolução de Fevereiro de 1917 derrocara o tsar e levava ao poder os liberais. Lenin identificou dois desenvolvimentos de igual importância: primeiro, que os liberais – sob Kerensky – estavam se preparando para trair os objetivos revolucionários e levar a Rússia

<sup>13</sup> V. I. Lenin. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/10/14.htm>

novamente para a guerra, e, conseqüentemente, manter todo o sistema tsarista; segundo, que o proletariado revolucionário – e seus principais partidos – permaneceram alertas e ativos, e haviam fortalecido sua forma política por meio dos soviets. Os soviets, controlados por operários e camponeses, se tornaram um centro do “poder dual” contra a Duma (parlamento) controlada pelos liberais. Isso significou para Lenin – como ele escreveu em diversos textos neste período — que os soviets tinham de defender os objetivos revolucionários e tomar o poder. Em setembro de 1917, Lenin escreveu que, para o marxismo, a “insurreição é uma arte”; Lenin e os bolcheviques organizaram suas forças; em outubro de 1917 eles atacaram e levaram a cabo a Revolução Russa de 1917.

### **Construindo um Estado**

Nenhuma revolução está “completa” apenas tomando o poder. Havia muito trabalho a ser feito imediatamente depois de Lenin e seus camaradas assumirem o controle do Estado tsarista derrocado. Uma leitura detida de *O Estado e a revolução* (1918),<sup>15</sup> de Lenin, antecipa os problemas enfrentados pelos soviets em sua nova tarefa – eles podiam herdar a estrutura de Estado, mas tinham de “demolir o Estado”, construir um novo conjunto de instituições e uma nova cultura institucional, criar uma nova atividade dos funcionários com relação ao Estado e à sociedade.

O texto mais importante aqui é *As tarefas imediatas do governo soviético* (abril de 1918),<sup>16</sup> que desenha a agenda da URSS em seus primeiros anos. Os outros textos mostram a atitude geral de Lenin com relação à construção do Estado e os desafios enfrentados pela

<sup>15</sup> V. I. Lenin. *O estado e a revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

<sup>16</sup> Cf. em V. I. Lenin. *Lenin e a revolução de outubro*. Textos no calor da hora (1917-1923). São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 307-355. Também disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/04/26.htm>

URSS – cercados pelos poderes hostis – neste período. O “Melhor pouco, porém bom” (1923),<sup>17</sup> de Lenin, escrito já no fim de sua vida, é um dos mais honestos e sensatos textos sobre os problemas enfrentados pelo novo governo e pela sociedade.

Em sua última aparição pública – no soviete de Moscou em 20 de novembro de 1922 – é possível ver a personalidade de Lenin por inteiro. Há a confiança de Lenin e sua humanidade; há a honestidade de Lenin e sua ambição:

Ainda temos a antiga máquina, e nossa tarefa agora é remodelá-la com novos contornos. Não podemos fazê-lo de uma vez, mas devemos fazê-lo de modo que os comunistas que temos estejam bem distribuídos. O que nós necessitamos é que eles, os comunistas, controlem a máquina para a qual foram designados, e não, como costuma acontecer conosco, que a máquina os controle. Não devemos guardar segredo com relação a isso e devemos falar disso francamente. Tais são as tarefas e as dificuldades diante de nós – e isso em um momento quando tivermos iniciado nosso caminho prático, quando não devemos abordar o socialismo como se ele fosse um ícone pintado em cores festivas. Devemos tomar a direção correta, devemos assegurar que tudo está verificado, que as massas – toda a população – vejam o caminho que nós seguimos e digam: ‘Sim, isso é melhor que o antigo sistema’. Essa é a tarefa que nos colocamos. Nosso partido, um pequeno grupo de pessoas em comparação com a população total do campo, assumiu essa tarefa. Esse pequeno núcleo se colocou a tarefa de refazer tudo, e o fará. Nós provamos que isso não é uma utopia, mas uma causa pela qual o povo vive. Todos vimos isso. Isso já está sendo feito. Devemos refazer as coisas de tal modo que a maior parte das massas, os camponeses e os operários dirão: ‘Não são vocês que se elogiam, somos nós. Nós dizemos que vocês alcançaram resultados esplêndidos, após o que nenhuma pessoa inteligente jamais sonhará em voltar para o antigo’. Nós ainda não chegamos a esse ponto [...] o socialismo já não é mais algo de um futuro distante, ou uma pintura abstrata, ou um ícone. Nossa opinião com relação a ícones é a mesma – bastante negativa. Nós trouxemos o socialismo para a vida cotidiana e devemos ver aqui como as questões se mantêm. Essa é a tarefa de hoje, a tarefa de nossa época.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Cf. em *Ibid.*, p. 571-589

<sup>18</sup> V. I. Lenin, “Discurso no Plenário do Soviete de Moscou”. Em: V. I. Lenin. *Obras escolhidas*, vol. 3.

Em 1921, a saúde de Lenin havia se deteriorado de forma dramática. Em maio de 1922, ele sofreu seu primeiro infarto. Ele morreu em 21 de janeiro de 1924 aos 53 anos. Mais de um milhão de pessoas vieram homenagear Lenin por três dias frios em janeiro, antes dele ser posto em um mausoléu na Praça Vermelha, onde seu corpo permanece.

Tudo o que Lenin escreveu há 100 anos não deve ser tomado como um evangelho. É um guia. As circunstâncias mudam, os desenvolvimentos devem ser estudados cuidadosamente. Foi Lenin quem nos ensinou que “o fundamental, a alma viva do marxismo [é] a análise concreta de uma situação concreta”.<sup>19</sup> O que aprendemos com Lenin é o seu método e sua disciplina, sua aguda consciência de classe em termos de sua compreensão da política. As revoluções não se repetem em todas as suas particularidades, nem os processos revolucionários. Diferentes conjunturas históricas e situações concretas necessitam diferentes dinâmicas revolucionárias históricas. Nós temos Lenin sobre nossos ombros; ele é nossa inspiração e modelo.

---

<sup>19</sup> V. I. Lenin “Kommunismus”, periódico da Internacional Comunista. Junho de 1920.









Quem é  
e de onde?  
Por que  
é  
tão honrado?  
Palavra por palavra  
puxando pela memória  
não direi  
a ninguém –  
vá para o seu lugar.  
Como é pobre  
no mundo  
a oficina da palavra!  
Onde a mais adequada  
pegar?  
Temos  
sete dias,  
temos  
as horas que são doze.  
Impossível viver  
mais longo que si.  
A morte  
não sabe pedir desculpas.  
Se  
com as horas é ruim,  
se é pequena  
a medida do calendário,  
nós falamos –  
“época”,  
nós falamos –  
“era”.

Nós  
dormimos  
à noite.  
De dia  
realizamos atos.  
Gostamos  
de malhar  
em  
ferro frio.  
E se  
por todos pôde  
direcionar  
os fluxos dos fenômenos,  
nós falamos –  
“profeta”,  
nós falamos –  
“gênio”.  
Nós  
não temos queixas, –  
não nos chamam –  
não nos metemos,  
somos admirados  
por nossa esposa,  
e com isso  
estamos satisfeitos até não poder mais.  
Se estás  
de corpo e alma fundidos,  
encara-nos;  
um desconhecido  
espionamos –  
“aparência de rei”,

nos admiramos –

“dom de deus”.

Dirão assim, –

revelou-se

nem sábio, nem tolo.

As palavras em suspense

fluirão feito fumaças.

Nada

conseguirás

dessas cascas de ovo.

Imperceptíveis

às mãos e à cabeça.

Como é possível

medir Lenin

com essa medida!

Pois com os olhos

via

a cada um –

a “era”, essa

passava pelas portas,

sem

bater com a cabeça

no umbral.

Será que

sobre Lenin também:

“líder

por graça divina”?

Se ele

fosse

real e divino,

eu

de raiva  
     não temeria,  
 eu  
     me poria  
                     través à marcha,  
 través  
     das reverências e multidões.  
 Eu  
     encontraria  
                     palavras  
                             para praguejar o vozeirão  
 e, enquanto  
     pisoteado,  
                             eu  
                                     e o grito meu,  
 lançaria  
     ao céu  
                     blasfêmias,  
 no Kremlin  
     com bombas  
                     de metal:  
                                     Fora!  
 Mas, são firmes  
     os passos de Dzerjinski  
                                     ao caixão.  
 Hoje  
     poderia  
     sair dos postos  
                             o TcheKa.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tchezvitchaini Komitet (Tcheka) – Comitê Extraordinário dos Comissários dos Povos (N. da T.).

Diante de milhões de olhos,  
e dos meus  
dois,  
apenas caramelos congelados de lágrimas,  
grudados  
às bochechas.

Para Deus  
as honras oficiais  
não são novidade.

Não!  
Hoje  
de dor verdadeira  
gele, coração.

Estamos  
enterrando  
a pessoa mais terrestre  
de todas  
que passaram  
pela Terra.

Ele é terrestre,  
mas não daqueles  
que com um olhar  
fixam-se  
em seu umbigo.

Abraçando  
a terra  
toda de uma só vez,  
viu  
o que  
ficava encoberto pelo tempo.

Ele, como vocês



e eu,  
é o mesmo,  
apenas,  
pode ser que  
próximas dos olhos  
as ideias  
mais que em nós  
enrugam a pele,  
e são mais risonhos  
e mais firmes os lábios  
do que os nossos.  
Não é a rigidez de um sátrapa,  
do carro triunfal  
que passou  
por ti,  
puxando as rédeas.  
Ele  
nutria  
pelo companheiro  
um carinho humano.  
Ele  
se erguia  
contra o inimigo  
mais firme que ferro.  
Conhecia ele  
fraquezas  
que conhecemos,  
como nós,  
superava doenças.  
Digamos,  
a bilharda em mim –

o xadrez para ele – faz crescer o olho,  
é mais útil aos líderes.  
E do xadrez  
ao passar para o inimigo ao vivo,  
transformando em gente o exército que era de peões,  
tornava-se trabalhadora-ditadura humana  
sobre a torre da prisão e do capital.  
Para ele e nós  
o mesmo é valioso.  
Então,  
por que o que está distante dele,  
eu  
minha vida,  
de vez bobo por encantamento,  
por sua respiração entregaria?!Não apenas eu!  
Não sou o melhor!  
Não precisaria chamar,  
apenas abriria a boca –  
quem de nós



ficou rouco  
do apito de luto.  
As lágrimas de neve  
das pálpebras avermelhadas  
das bandeiras.  
O que ele fez,  
quem é ele  
e de onde –  
esse  
mais humano dos humanos?  
É breve  
e até os últimos instantes  
conhecemos a  
vida  
de Ulianov.  
Mas, a vida longa  
do camarada Lenin  
é preciso escrever  
e descrever novamente.  
Há muitos e muitos anos,  
há uns duzentos,  
correm  
as primeiras  
notícias sobre Lenin.  
Estão ouvindo –  
é de ferro  
e blindada,  
cortando  
os séculos antigos  
a voz  
do bisavô

Bromlei e Gujon<sup>2</sup> –  
 o primeiro navio a vapor?  
 O capital,  
     sua majestade,  
                     não coroado,  
                                     nem casado,  
 anuncia  
     a conquista  
                     da força da aldeia.  
 Assaltava a cidade,  
                     varria, roubava,  
 torrava  
     as panças dos caixas,  
 e nas máquinas  
     a magra e corcunda  
 classe operária  
     se posicionava.  
 E já  
     ameaçava,  
                     levantando suas chaminés ao céu:  
 – Conosco  
     até o ouro  
                     fazem suas pontes.  
 Nós pariremos,  
     enviaremos,  
                     mas um dia chegará  
 o homem,  
     lutador,

<sup>2</sup> Bromlei e Gujon – grandes fábricas metalúrgicas de São Petersburgo e Moscou (N. da T.).

punidor,  
vingador! –  
E já  
as nuvens e as fumaças  
se mesclaram,  
como se fossem  
soldados  
da mesma tropa.  
Os céus  
duplicam-se,  
As fumaças  
encobrem as nuvens.  
As mercadorias  
aumentam,  
entre os pobres pairam.  
O diretor,  
diabo careca,  
estalou o ábaco,  
resmungou:  
“crise!”  
e pendurou a palavra  
“demissão”.  
Pulverizou  
com doce  
a plantação das moscas,  
o trigo  
em semente  
está mofando nos silos,  
mas nas vitrinas



as plantações douradas  
o negro  
chicoteado mugiu:  
– U-u-u-u-u,  
u-u-u!  
Nilo meu, Nilo!  
Aproxime  
e afaste  
dias negros!  
Para que ficassem mais negros  
do que em sonho,  
e o incêndio fosse  
mais vermelho que esse sangue.  
Para que em todo esse café,  
fervido de uma vez,  
cozinhassem os pançudos –  
pretos e brancos.  
Cada  
dente arrancado  
de elefante –  
espete em sua carne,  
no coração espete.  
Para que os bisnetos  
não derramem  
sangue em vão,  
surja,  
protetor rosto de sol.  
Eu me findo, –  
o deus das mortes  
veio e me chamou.  
Lembre-se





quando jovem  
era um rapaz  
até interessante:  
primeiro a trabalhar –  
e não temia então,  
que o trabalho  
sujasse sua camisa.  
O tricô feudal  
lhe era estreito!  
Cabia  
tão bem  
como cabe hoje.  
O capitalismo  
com revoluções  
floresceu  
em sua primavera  
e até  
cantava a “Marselhesa”.  
Pensou e  
inventou  
uma máquina.  
Pessoas,  
e as outras também!  
Ele,  
pelo universo  
a perder de vista  
de operários,  
procriou  
filhos.  
De vez  
reinados

e condados devorou  
com suas coroas  
e suas águias.  
Engordou  
feito uma vaca bíblica  
ou touro,  
lambe os lábios.  
A língua é o parlamento.  
Com os anos  
enfraqueceu  
o aço dos músculos,  
ficou mais bondoso  
e inchou,  
assim também  
com o decorrer do tempo  
ficou  
igual ao seu livro-mestre.  
Levantou um palácio –  
jamais visto!  
O pintor –  
não está só! –  
subiu pelas paredes.  
O chão é imperial,  
o teto em rococó,  
Os armários –  
de Ludovico XIV,  
o Quatorze.  
Em torno,  
com o rosto,  
e a mesma coisa  
ser rosto

ou ser nádega,  
a polícia  
com cara de traseiro.  
A alma é surda  
à cor e  
à canção,  
como as  
flores para a vaca  
no vale.  
Ética, estética  
e outras bobagens –  
é simples –,  
é sua  
a serviçal feminina.  
Ele  
o paraíso e  
o inferno –  
vende  
às velhas,  
buracos  
dos pregos  
da cruz do Senhor  
e a pena  
do rabo  
do espírito santo.  
Finalmente,  
ele também  
se superou,  
por ele  
o escravo trabalha.  
Apenas engordando,

o capitalismo inchou  
comendo e dormindo,

e flácido ficou.

Flácido

deitou-se

na história a caminho

do mundo,

como sua cama fosse.

Não dá para contornar,

nem desviar,

a única saída –

é explodi-lo!

Sei,

o lírico

se crispará amargamente.

O crítico

correrá

para surrar com a varinha:

– Onde está a alma?!

Isso é

retórica!

E a poesia?

Apenas publicidade!! –

O capitalismo –

não é uma palavra elegante,

muito mais elegante soa –

“rouxinol”,

mas eu

voltarei a ele

de novo e de novo.

Levante

a estrofe com o lema agitador.  
Vou escrever  
sobre aquilo  
e sobre isso,  
mas agora  
não é hora  
de prosas de amor.  
Eu  
toda minha  
força sonora de poeta  
entrego a você,  
classe em ataque.  
O proletariado –  
é sem jeito e estreito  
para  
quem  
o comunismo é uma cilada.  
Para nós  
essa palavra –  
é uma música potente,  
capaz de  
levantar os mortos  
para a batalha.  
Os andares  
já  
estão se remexendo, tremendo,  
o grito dos subsolos  
sobe pelos andares:  
– Vamos romper  
os céus  
no azul escancarado.

Passaremos  
através do poço de pedra.  
Nascerá.  
Dessas tarimbas  
um filho de operário –  
líder do proletariado. –  
O globo  
terrestre  
é pequeno para eles.  
A mão,  
pesada  
de anéis,  
estende  
o gordo  
corpanzil do capital  
para esganar  
o pescoço de alguém.  
Marcham,  
rangendo com o ferro  
e disfarçando.  
– Matem!  
Para dois burgueses está apertado! –  
Cada vila –  
é um túmulo irmão,  
as cidades –  
são fábricas de próteses.  
Acabou –  
as mesas  
de chá foram postas.  
A vitória  
é um bolo na mesa.

– Ouçam  
a profecia dos túmulos,  
as castanholas das muletas!  
Novamente  
nos  
virão  
na realidade da guerra.

Essa  
culpa  
o tempo não perdoará.  
Ele acertará as contas,  
virá  
e anunciará  
guerra  
a vocês  
e a guerra de vocês! –

Brotarão  
sobre a terra  
lagoas de lágrimas,  
estão muito  
intransponíveis  
os pântanos de sangue.

Reverenciavam  
os sonhadores solitários  
sobre a decisão  
de utopias impensáveis.  
racharam  
em vidas  
cabeças os filantropos.

Será  
que o caminho de milhões –



são as trilhas dos filantropos?  
 Já é  
     fraco  
         o próprio capitalista,  
 de tal forma  
     a  
         máquina se agitou, –  
 que seu regime  
     o carrega  
         como uma folha amarela,  
 de crises  
     e de caos das greves.  
 – Em que bolso  
     derramamos  
         a lava dourada?  
 Com quem ir  
     e a quem culpar? –  
 A classe de milhões de cabeças  
 concentra o olhar –  
         para entender a si mesma.  
 O tempo  
     roubava  
         horas  
             do capital,  
 atravessando  
     a claridade dos projetores.  
 O tempo  
     gerou  
         o irmão Carlos  
 o irmão  
 mais velho de Lenin,

Marx.

Marx!

surge aos olhos  
das molduras do retrato grisalho.

Como

sua vida  
está distante das imagens!

As pessoas

veem  
emparedado no mármore,

com gesso

um velho gélido.

Mas quando

pela trilha revolucionária

os operários

davam  
seu primeiro

passinho,

oh, com que

incrível  
fornalha

Marx

acendeu

seu coração

e sua ideia!

Parecia que

ele próprio  
estava em cada fábrica

de pé,

como se

cada trabalho

pessoalmente enganando  
os que roubam  
  a mais-valia,  
pegou  
  pela mão em flagrante.  
Onde os corpos tremiam,  
  sem levantar o olhar  
até  
  o umbigo  
  do acionista,  
Marx  
  começou  
  a atacar  
  com a guerra de classe  
o bezerro  
  de ouro  
  que cresceu  
  até virar touro.  
Nos pareciam que –  
  nas enseadas do comunismo  
apenas  
  as ondas do acaso  
  nos  
  lançam  
  rodopiando.  
Marx  
  desvendou  
  as leis da história,  
no leme  
  pôs  
  o proletariado.



sobre a Moscou vermelha.  
Amadureciam,  
os dias maturavam,  
como melões,  
o proletariado  
tornava-se adulto  
e o moleque cresceu.  
Os baluartes  
íngremes  
do capital  
lavam em enxurrada  
e retalham.  
Em alguns  
anos  
à distância  
quantas trovoadas  
bramem  
e se intensificam.  
Se finda  
com levante  
o ódio intenso,  
as revoluções  
aumentam  
após explosões dos levantes.  
É severa  
a insubmissão  
dos burgueses enraivecidos.  
Estraçalhados por *terrieres*,  
uivando e gemendo,  
as sombras dos tataravós  
comunardos de Paris,

agora também  
resmungam  
em parede parisiense:  
– Ouçam, camaradas!  
Vejam, irmãos!  
Desgraça aos solitários –  
aprendam conosco!  
Explodam juntos!  
Batam com o partido!  
Em um  
único punho  
reúnam  
a classe operária. –  
Dirão:  
“Somos os líderes”,  
mas na verdade –  
são ocós?  
Saiba  
distinguir a pele  
por trás das falas!  
Haverá um  
líder,  
semelhante a nós –  
mais simples que o pão,  
mais direto que os trilhos.  
Com a mistura das classes,  
das crenças,  
das camadas  
e dos dialetos  
nos rublos das rodas  
a terra se movia.

O capital  
    como um porco espinho de contradições  
crescia e  
    se fortalecia,  
        espetando com baionetas.

O fantasma  
    do comunismo  
        encontrou na Europa,  
partiu  
    e novamente  
        sinalizava à distância...

Por tudo isso  
    nas profundezas de Simbirsk  
nasceu  
    um menino comum,  
        Lenin.

Eu conhecia um operário.  
    Ele era analfabeto.

Nunca sequer o alfabeto  
    conheceu.

Mas ele ouviu  
    como falava Lenin,  
e ele  
    sabia – tudo.

Eu ouvi  
    uma história  
        de camponês-siberiano.

Tomaram,  
    defenderam com baionetas  
        como no paraíso  
            dividiram a vilazinha.

Não leram  
e não ouviram Lenin,  
mas eram  
leninistas.  
Eu vi montanhas –  
nelas  
não crescia arbusto.  
Apenas  
nuvens  
nas rochas  
caíam de lado.  
E em cem milhas  
numa única cidade  
brilhavam  
os farrapos  
com *bottom* leninista.  
Dirão –  
isso  
são ais dos alfinetes.  
As senhoritas  
os espetam  
por firulas da coquetice.  
Não é um alfinete espetado –  
é o *bottom*  
que queimou nas camisas  
o coração,  
cheio  
de amor por Ilitch.  
Isso é  
impossível explicar  
aos bíblicos escravos das sacristias,





no céu  
em batida.  
Mas a servidão  
nas máquinas fabris  
doía mais  
que os trabalhos forçados.  
Houve países  
bem mais ricos,  
mais belos eu vi  
e mais inteligentes.  
Mas uma terra  
com maior dor  
jamais  
eu  
conheci.  
É, e nem todo  
tapa  
pode ser apagado da face.  
O grito se fortalecia:  
– Levantem-se  
por toda a terra e pela  
liberdade!  
Não pegam  
os rebeldes –  
sozinhos  
a bomba  
e o revólver.  
Seria bom  
cravar o tsar  
com balas!  
Mas, se

apenas a poeira  
levantas nas rodas?!  
Foi pego  
por preparar  
o assassinato do tsar  
o irmão de Ulianov,  
narodovolets<sup>5</sup>  
Aleksandr.  
Mata um –  
um outro  
em toda força  
com as torturas  
dos que se foram  
esforça-se para superar.  
E Ulianov  
Aleksandr  
foi enforcado  
milésimo dos shlisselburgues.<sup>6</sup>  
Então  
disse  
Ilitch com dezessete anos –  
essa palavra  
mais forte que o juramento  
do soldado de braço erguido:  
– Irmão,  
estamos aqui  
e prontos a te substituir,

---

<sup>5</sup> Membros da organização popular terrorista Narodnaia Volia (N. da T.)

<sup>6</sup> Relativo à cidade Shlisselburg, na Rússia, onde ficou preso e foi enforcado o irmão de Lenin, Aleksandr Ilitch Ulianov, por participar da preparação do atentado terrorista contra o tsar Aleksandr III, em 1887 (N. da T.).

venceremos,  
                  mas nós  
                                  iremos por caminho outro! –  
Vejam os monumentos –  
                                  estão vendo  
  a estirpe de heróis!  
Seria Gogol,  
                  mas você  
                                  o enaltece com coroa.  
Não foi esse  
                  heroísmo braçal  
                                  e diário  
que sobre seus ombros  
                                  pôs Ilitch.  
Ele junto  
                  ensina na bocarra da fornalha  
como agir  
                  para que o salário  
                                  aumentasse em cinco.  
O que fazer  
                  se  
                                  o mestre briga.  
O que fazer  
                  para que o patrão  
                                  matasse a sede.  
Mas o objetivo final  
                                  não é bobagem:  
ao vencer,  
                  não fique assim  
sobre a poça  
                  formada.

O socialismo é o objetivo.

O capitalismo é o inimigo.

Não é a vassoura,

a arma é o fuzil.

Mil vezes

a mesma coisa

ele prega

no ouvido surdo

e amanhã

cada um erguerá

as mãos

que entenderam as duas.

Ontem foram quatro,

hoje são quatrocentos.

Escondemo-nos,

mas amanhã

vamos de peito aberto,

e esses

quatrocentos

serão mil.

Com trabalhadores do mundo

levantaremos em rebelião.

Já não somos

mais silenciosos que a água

e mais rentes que o mato,

o ódio dos trabalhadores

se adensa em nuvem.

Corta

com os raios

dos livros de Ilitch.

Derrama

granizo  
de proclamações e folhetos.  
Batia  
em Lenin  
a classe obscura,  
fluía  
dele  
para o esclarecimento,  
e, envolto  
na força  
e nas ideias das massas,  
com a classe  
Lenin  
cresceu.  
E já  
se transforma em lenda  
aquilo  
o que o jovem  
Lenin jurou:  
– Não  
estamos sós,  
somos  
– a união de luta  
pela libertação  
da classe trabalhadora.  
O leninismo caminha  
cada vez mais  
para frente  
ampliando  
com os alunos  
da prova de Ilitch.

Com sangue  
                   inscrito  
                                   o heroísmo da clandestinidade  
 na poeira  
                   e na lama  
                                   da Volodimirki infinita.

Hoje,  
                   por nós  
                                   o globo terrestre voltou a girar.

Até mesmo  
                   nós,  
                                   se nas poltronas do Kremlin

a quantos  
                   de repente  
                                   com os decretos de Nertchinsk<sup>7</sup>

soarão  
                   com as correntes nas poltronas!

Novamente  
                   lhes lembrarei o caminho do pássaro.

Por trás do giro  
                   o trote elétrico dos bondes.

Quem  
                   de nós  
                                   não arranhou  
 e não roeu  
                   as grades da cela.

Quebre  
                   a testa  
                                   na pedra da cela estreita –

<sup>7</sup> Tratado de Nertchinsk assinado entre a Rússia e a China em 1689 (N. da T.)





ou o esserinho<sup>8</sup> ágil,  
 na verdade gosta de pescoços de operários, –  
 Lenin  
     as frases  
         dele  
             rasgará até as linhas  
 para que  
     brilhasse  
         em sua nobre nudez.  
 E para nós  
     não bastam as conversinhas ociosas,  
 mais que a liberdade,  
             mais que a pessoas irmãs –  
 estamos  
     de prontidão marxista,  
 um,  
     para o mundo,  
             partido bolchevique.  
 Cruza  
     a América  
         num vagão expresso.  
 passa  
     por Tchurrloma,  
         seus  
 olhos  
     são perfurados  
         pelo PCR<sup>9</sup>  
 E entre parênteses

<sup>8</sup> Diminutivo de esser – socialista revolucionário (N. da T.)

<sup>9</sup> PCR – Partido Comunista Russo (N. da T.).

um pequeno “b”.

Agora  
Pulkovo  
caça Marssov  
dedilhando  
a urna celestial.

Mas, para o mundo  
essa  
letra em linha  
é cem vezes mais vermelha,  
mais grandiosa  
e brilhante.

As palavras  
aqui  
até a mais importante  
tornam-se hábito,  
envelhecem como vestidos.

Quero  
fazer brilhar novamente  
A majestossíssima palavra  
“PARTIDO”.

Uma unidade!  
Quem dela precisa?!

A voz de uma unidade  
é mais fina que um pio.

Quem a ouvirá? –  
Apenas sua mulher!

E mesmo  
se não estiver na feira,  
mas por perto.

O Partido –

é  
 um furacão único,  
 prensado de vozes  
 baixas e finas,  
 ele  
 rompe  
 os reforços do inimigo,  
 como  
 os tímpanos  
 no bombardeio.  
 É ruim  
 para a pessoa  
 quando está só.  
 É triste para quem está só,  
 um só não é guerreiro –  
 cada dúzia  
 é seu senhor,  
 e até mesmo os fracos  
 se estiverem em dois.  
 Mas  
 se no partido  
 juntaram-se os pequenos –  
 renda-se, inimigo,  
 pare  
 e deite!  
 O partido –  
 é uma mão de muitos dedos,  
 serrada  
 num único  
 punho ameaçador.  
 Uma unidade – é um absurdo,

uma unidade – é zero,  
um –  
até mesmo se for  
muito importante –  
não levantará  
um simples  
tronco de cinco polegadas,  
muito menos  
um prédio de cinco andares.  
O Partido –  
é  
um milhão de ombros,  
um a um  
unidos estreitamente.  
Elevaremos ao céu  
as fileiras  
do partido,  
apoiando  
e levantando uns aos outros.  
O Partido –  
é a espinha dorsal da classe trabalhadora.  
O Partido –  
é a imortalidade de nossa causa.  
O Partido –  
é o único,  
que não me trairá.  
Hoje sou empregado,  
mas amanhã  
estarei apagando um reino do mapa.  
O cérebro da classe,  
a causa da classe,

a força da classe –  
eis o que é o partido.

O Partido e Lenin –  
    são irmãos gêmeos –  
quem é mais  
    valioso do que a mãe-história?  
Dizemos Lenin,  
    subentendemos –  
                                Partido,  
Dizemos  
    Partido,  
    subentendemos –  
                                Lenin.

Ainda  
    são montanhas  
                                de cabeças coroadas,  
e os burgueses  
    negrejam como gralhas no inverno,

mas já  
    o ardor  
                                da lava trabalhadora  
pela cratera do partido  
                                irrompe a terra.

Nove de janeiro.  
    Fim de Gapon.<sup>10</sup>  
Caímos,  
    ceifados pelo chumbo tsarista.

<sup>10</sup> Gapon – padre ortodoxo russo que liderou a rebelião do chamado Domingo Sangrento em 1905 (N. da T.)

O delírio  
sobre o perdão tsarista  
acabou  
Com a batalha de Mukden  
com o estalido de Tsushima.  
Basta!  
Não acreditamos  
nas conversas alheias!  
Com suas  
próprias armas  
levantou-se a Presnia.  
Parecia –  
que agora  
acabaríamos com o trono,  
depois dele  
a poltrona burguesa  
racharia também.  
Ilitch já estava aqui.  
Ele dia a dia  
passava  
com os operários  
era o quinto ano.  
Ele estava por perto  
em cada barricada,  
guiava  
o desenrolar  
do levante.  
Mas logo  
chegou  
uma notícia astuta –  
“liberdade”.

As pessoas puseram fitinhas,  
o tsar  
saiu no balcão  
com manifesto.  
E depois  
de uma semana de lua de mel  
“de liberdade”,  
discursos,  
fitas  
e cantos harmônicos,  
o ronco dos canhões  
encobre com sua voz grave:  
pelo sangue operário  
fluía em nado  
o almirante do tsar,  
o algoz Dubassov.  
Cuspiremos na cara  
daquela porcaria branca,  
que cicia  
a respeito das crueldades do TcheKa!  
Vejam,  
como aqui,  
presos pelos cotovelos,  
Chicoteavam até a morte  
os operários nos rostos.  
A reação furiosa.  
Intelectuaizinhos  
fugiram de tudo,  
e tudo estragaram.  
Trancaram-se em casa,  
pegaram velas,

fumam ládano –  
os buscadores de Deus.

Ganiu o próprio  
camarada Plerranov:

– Culpa de vocês,  
confundiram, maninhos!

Deram partida  
a barris de sangue!

Para que  
à toa  
pegar em armas. –

Lenin  
nesse ganido incomum  
varou com sua voz  
disposta e sonora:

– Não,  
é preciso  
pegar em armas,  
com mais  
decisão e energia.

Vejo um dia de rebeliões novas.  
A classe operária  
se levantará.

Não é defesa –  
é ataque. –

E esse ano  
em espuma sangrenta  
e essas feridas  
no torno operário  
serão  
escola



de primeiro grau  
no perigo e na tempestade  
de futuros levantes.

E Lenin  
de novo  
em seu exílio  
prepara –  
nos  
antes da batalha.

Ensina  
e também aspira saber,  
Novamente  
reúne o partido  
partido.

Veja –  
greves  
erguem-se no ano,  
ainda –  
ao levante saberás juntar-se.

Mas vejam  
dos anos  
se levantará  
o décimo quarto mais velho.

Assim escrevem –  
o soldado acende o cachimbo,  
vai papear  
sobre as marchas antigas,  
mas esse  
moedor de carne universal,  
a qual comparar  
a Poltava,

a Plevnia?!

O imperialismo  
em toda nudez –  
barriga de fora,  
de dentadura,  
e o mar de sangue  
lhe é raso –  
devora os países,  
levantando as baionetas.  
Ao seu redor  
seus bajuladores –  
patriotas –  
os Vovas<sup>11</sup> se adaptaram –  
escrevem,  
as mãos traidoras lavadas:  
– Trabalhador,  
brigue  
até a última gota de sangue! –  
A Terra –  
em montanha de ferro velho,  
nela  
andrajos e farrapos  
humanos.  
No meio  
do hospício inteiro  
o único são  
ergueu-se,  
Zimmerwald.

---

<sup>11</sup> Referente ao personagem Vova, filho burguês do vaudeville *Vova se adaptou*, de Mirovitch, muito popular nos anos da guerra imperialista (N. da T.).

Dali  
    Lenin  
        com um punhadinho de camaradas  
levantou-se sobre o mundo  
                    e nos ergueu  
as ideias  
    mais claras  
                    do que qualquer incêndio,  
a voz  
    mais alta  
        do que as canhonadas.  
De lá –  
    milhões  
        com as canhonadas nos ouvidos,  
cem mil sabres  
        da cavalaria em movimento,  
daí  
    contra  
        os sabres e os canhões, –  
um homem  
        com zigomas salientes  
                                    e careca.  
– Soldados!  
    Os burgueses,  
                            após trair e vender,  
enviam aos turcos,  
        para lá de Werden,  
                            para a Dvina.  
Basta!  
    Transformemos  
        a guerra dos povos

em guerra civil!

Basta

de destruições,

mortes e feridas,

as nações

não têm

culpa alguma.

Contra

a burguesia de todos os países

levantaremos

a bandeira

da guerra civil! –

Pensou-se:

logo

o canhão-forno

espirra fogo

e sopra com podridão,

depois vá,

procure a pessoa,

vá,

lembre-se do seu sobrenome.

Com a garganta das armas,

que cham e uivam,

uns aos outros

os países

gritam –

de joelhos!

A briga se finda,

e eis

que não há vencedores –

apenas venceu

o camarada Lenin.  
Comilão do imperialismo!  
Nossa  
    paciência  
        angelical esgotou-se.  
Rompeu-se  
    com a  
        Rússia rebelada  
desde Tavriz  
    até Arrhanguelsk.  
Império –  
    isso não é galinha!  
A águia bicuda  
    com o poder de duas cabeças.  
E nós,  
    como guimbas fumadas,  
simplesmente  
    cuspimos  
        em sua dinastia.  
Grande,  
    coberto de ferrugem de sangue,  
o povo,  
    faminto e esfarrapado,  
irá para os Sovietes  
    ou irá  
        para o burguês  
carregar,  
    como antes,  
        castanhas do fogo?  
– O povo  
    rompeu

os grilhões tsaristas,  
 Rússia em tempestade,  
                                 Rússia em tormenta, –  
 leu  
                 Vladimir Ilitch  
                                 na Suíça,  
 alarmado,  
                                 preocupado  
   sobre uma pilha de jornais.  
 Mas o que  
                 saber por recortes de jornais?  
 No aeroplano  
                                 voar alto,  
 para lá em ajuda  
                                 aos trabalhadores rebelados, –  
 é o único desejo,  
                                 o único pensamento.  
 Foi,  
                 obedecendo à vontade do partido,  
 No vagão alemão,  
                 chumbo alemão.  
 Oh, se soubesse  
                                 então  
   Hohenzollern,  
 que Lenin é  
                                 também uma bomba para sua monarquia!  
 Os Pitertsi<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Moradores da cidade de Pítersburgo, fundada por Pedro, O Grande, como São Petersburgo, teve seu nome alterado para Petersburgo e, após a morte de Lenin, para Leningrado. Hoje, a cidade resgatou seu nome original (N. da T.).

ainda  
para alegria de todos  
beijavam,  
corriam como crianças pequenas,  
mas de fitinha vermelha,  
em gala discreta,  
A Nevski<sup>13</sup>  
já  
fervilhava de generais.  
Passo a passo –  
e chegarão ao ponto,  
chegarão  
também até o assobio policial.  
Já  
começam  
a mostrar  
as unhas  
os burgueses  
de patinhas felpudas.  
De início são bobagens –  
feito cocorocas.  
Depois maiores –  
de anchovas a robalos.  
Depois, Dardanelski,  
que solteiro era Miliukov,  
atrás dele  
com a coroação  
segue Mirraltchik.

---

<sup>13</sup> Avenida Nevski, a principal via de São Petersburgo (N. da T.).

O premiê  
    não é poder –  
                                ponto de bordado!

Isso  
    não é  
                        o Narkom<sup>14</sup> grosseiro.

Uma moça –  
                vá e alise!

Solta gritos histéricos,  
                        Canta em tenor.

Ainda  
    não ganhamos  
                        sequer uma gotícula  
das ditas  
    liberdades de fevereiro,  
mas os guardas –  
                já estão com varas –  
“marche, marche para o front,  
                povo trabalhador”.

E para finalizar  
                a paisagem gloriosa,  
os que nos traíram  
                antes  
                                e depois,  
em torno  
    feito vigias  
                *esses* e Savinkovi,  
mencheviques –  
                feito gato sábio.

---

<sup>14</sup> Narodni Komitet – Comitê Popular (N. da T.).





o poder  
dos conciliadores e capitalistas!  
Nós somos  
a voz  
da vontade dos de baixo,  
dos operários de baixo  
do mundo todo.  
Viva  
o partido,  
que constrói o comunismo,  
Viva  
o levante  
pelo poder aos Sovietes! –  
Pela primeira vez  
diante da multidão tonta  
aqui mesmo,  
diante de ti,  
perto,  
levantou-se  
como um negócio  
simples,  
a palavra inalcançável –  
“socialismo”.  
Aqui mesmo,  
das fábricas que apitam,  
brilhando com o horizonte  
em todo esplendor,  
levantou-se  
a comuna de trabalhadores  
do amanhã –  
sem os burgueses,

sem os proletários,  
sem os escravos e senhores.  
Pela grossura  
das cordas conciliadoras  
que envolviam  
as palavras de Ilitch  
com golpes de machados.  
E a fala  
interrompida  
pelas avalanches do ronco:  
“Certo, Lenin!  
Certo!  
É hora!”  
A casa  
de Kchessinkaia,  
pelos esperneios  
foi presenteada,  
hoje –  
é uma reunião.  
Para cá flui  
a multidão das fábricas,  
aqui  
é forjado  
na ferraria de Lenin.  
“Come ananás,  
mastiga perdizes,  
teu último dia  
se aproxima burguês”.  
Mete-se já  
entre os sentados  
nas cadeiras senhoris –

como estão

os que mastigam?

Experimentando,

em julho

pegaram pelo pescoço

e pela barriga.

Dentes de burgueses

arreganhados de vez.

– O escravo rebelou-se!

Com chicotes,

jogue-o no sangue! –

E a mãozinha

de Kerenski

aponta com a ordem –

mirar em Lenin!

Nas cruzes de Zinoviev!

E o partido

de novo

na clandestinidade.

Ilitch em Razliv,

Ilitch na Finlândia.

Mas nem o sótão,

nem a cabana,

nem o campo

entregarão

o líder

à banda selvagem.

Lenin não é visto,

mas está por perto.

Por isso,

o trabalho move-se de acordo

com  
a ideia mestra  
de Lenin,  
percebe-se  
a mão guia  
de Lenin.  
O melhor terreno  
para as palavras de Ilitch:  
caem,  
e num instante  
fazem o trabalho crescer  
e ao lado  
já  
ao ombro do operário –  
estão  
milhões de ombros de camponeses.  
E quando  
restou  
enfrentar as barricadas,  
marcando o dia  
na fileira de semanas,  
Lenin  
em pessoa  
apareceu em Piter:  
– Camaradas,  
basta de lenga-lenga!  
A opressão do capital,  
a fome monstruosa,  
o banditismo das guerras,  
a intervenção ladra –  
chega! –

parecem  
    mais que pintas  
no corpo da vovó,  
    na história antiga. –  
De lá,  
    por alguns dias  
                    olhando de soslaio,  
a cabeça  
    de Lenin  
    se vê primeiro.  
Isso  
    da escravidão  
                    de dez mil anos  
aos séculos  
    da comuna  
                    é um descanso.  
Passarão  
    anos  
                    de pesos de hoje,  
no verão da comuna  
    os anos se esquecerão,  
e a felicidade  
    com o doce  
                    de frutas enormes  
amadurecerá  
    nas flores  
                    vermelhas de Outubro.  
E então  
    nos que lerem  
    as ordens de Lenin,  
folheando as páginas

amareladas  
 dos decretos,  
 surgirão  
 lágrimas  
 que estão fora de uso,  
 e o sangue  
 com pressão  
 baterá nas têmporas.  
 Quando eu  
 conluo  
 o que vivi  
 e remexo nos dias –  
 o que com clareza  
 mais me recordo  
 é o mesmo –  
 vinte e cinco,  
 dia primeiro.  
 Com baionetas  
 agitam-se  
 os estrondos de relâmpagos,  
 os marinheiros  
 com bombas  
 brincam como se fossem bolas.  
 Do apito  
 o Smolni<sup>16</sup>  
 treme em polvoroso.  
 Nos cartuchos de balas

<sup>16</sup> Primeira instituição educacional para mulheres na Rússia. Em 1917, se transformou em sede do partido de Lenin e, depois da revolução, até a capital ser transferida para Moscou, foi a residência de Lenin (N. da T.).

abaixo das metralhadoraszinhas.

– Stalin

chama

vossa senhoria.

À direita,

a terceira,

ele

está lá.

– Camaradas,

não parar!

Por que pararam?

Nos carros de guerra

em direção ao correio!

– Por ordem

do camarada Trotski! –

– Pronto! –

virou-se

e desapareceu rápido,

e apenas

na fita

da flotilha

por baixo da lâmpada

brilhou –

“Aurora”.

Quem corre com a ordem,

quem na multidão dos que discutem,

quem puxou

o gatilho

no joelho esquerdo.

Para cá

daquela ponta do enorme corredor



de lado  
    caminhou  
        Lenin imperceptivelmente.

Levados  
    por Ilitch  
        para as batalhas,  
ainda  
    sem conhecê-lo  
        pelos retratos,  
empurrando,  
    gritavam,  
        mais que as lâminas,  
os soldados uns aos outros  
        dando cobertura.

E nessa desejada  
tempestade de ferro  
Ilitch  
    parecia  
        até com cara de sono,  
marchava,  
    levantava-se  
        e apertando os olhos  
cravava,  
    com as mãos  
        atrás das costas.

Num certo rapaz  
    em andrajos,  
        descabelado,  
fixou o olhar  
    que não errava a mira,  
e parecia

expulsar o coração  
por debaixo das palavras,  
como se  
a alma  
arrastava por baixo das frases.  
E sabia eu  
que tudo  
fora desvendado e compreendido  
e com esse  
olhar  
seria apreendido –  
o grito camponês,  
os gritos do front,  
a vontade dos de Nobel,  
e a vontade dos de Putilov.<sup>17</sup>  
Ele  
na caixa do crânio  
remexeu centenas de regiões,  
carregou  
pessoas  
até meio milhão.  
Ele  
ponderava  
o mundo  
durante à noite,  
e pela manhã:  
– A todos!  
– A todos!  
– A todos isso –

---

<sup>17</sup> Os trabalhadores das fábricas de Nobel e de Putilov (N. da T.).

às frentes,  
    aos embriagados de sangue,  
aos escravos  
    de qualquer espécie,  
para os escravos  
    dados aos ricos. –  
Poder aos Sovietes!  
Terra aos camponeses!  
Paz aos povos!  
Pão aos famintos! –  
Os burgueses  
    leram  
        – esperem,  
            prenderemos,  
empurram as barrigas  
        na dúvida cruel –  
já, já lhe mostrarão  
    Durrnin com Kornilov,  
mostrarão lhe já, já  
    Gutchkov com Kerenski.  
Mas no front  
    sem batalhas  
        essas palavras tomaram –  
a aldeia  
    e a cidade  
        de decretos cheios,  
e até mesmo  
    dos analfabetos  
        queimou o coração.  
Sabemos,  
    não é para nós,

mas a eles mostraram,  
como acontece esse  
“já”.

Passava  
dos de perto para os próximos,  
dos próximos  
aos distantes explodia os corações:  
“Paz às cabanas,  
guerra,  
guerra,  
guerra aos palácios!”

Brigavam  
em qualquer fábrica e oficina,  
com estrondo  
expulsavam das cidades,  
e por trás  
a marcha de outubro  
mirava os andares superiores  
em chamas  
das mansões dos nobres.

A terra –  
é forro por baixo de suas calças,  
e de repente  
a ela,  
como pão na trouxa,  
com todas as fontes e  
seus afluentes  
o camponês pegou,  
apertou com raiva.

De óculos  
os de camisa de punho

escarravam de raiva  
arrastavam-se para lá  
                  onde há reino e condado.  
Sigam seu caminho!  
                  Vamos ensinar até mesmo a toda  
cozinheira  
                  a administrar o estado!  
Vivemos  
                  até agora  
                  com a produção em rotação.  
Das trincheiras  
                  voava  
                  para os ouvidos alemães:  
– É hora de acabar!  
                  Saíam para confraternizar-se! –  
E o front  
                  espalhava-se  
                  pelos caramujos dos vagões.  
Será que para um fluxo  
                  desses  
                  basta uma palma?  
Parecia –  
                  que nosso barquinho adernava –  
a bota de Guilherme,  
                  as esporas de Nikolai  
apagarão  
                  as fronteiras do país soviético.  
Foram os *esses*  
                  de capas e camisas pagãs,  
capturavam os que corriam  
                  com palavras vadias,

carregavam

como cavaleiros,

com a espada tola

é bonito

combater

os monstros blindados!

Ilitch

aos que cantavam de galo

gritou:

– Parados!

Que o partido

descarregue

este peso também.

Vamos

descansar desse Brest sujo.

A perda – é espaço,

o ganho – é tempo, –

para não morrer

para

nós em descanso.

Para que soubesse –

lembrarão os golpes meus,

não fui

adestrado –

mas conscientemente disciplinado,

a formar-me

em fileiras

do Exército Vermelho.

Os historiadores

com as hidras rasgam os cartazes

– havia uma hidra,

e não há mais? –  
Mas nós  
conhecíamos  
essa hidra  
em seu  
tamanho natural.  
“Com coragem ao combate  
Pelo poder dos Sovietes  
E cada um há de morrer  
Na luta por essa causa!”

Denikin está vindo.  
Denikin será expulso,  
erguerão o lar  
derrubado pelo canhão.  
E Vranguel virá  
no lugar de Denikin.  
Largarão o barão –  
já Koltchak.  
Comemos casca,  
pernoitamos no pântano,  
mas fomos  
com milhões de estrelas vermelhas,  
e em cada uma – Ilitch,  
cuidando de cada um  
no front  
de onze mil quilômetros.  
De onze mil quilômetros  
a circunferência,  
e muito mais  
de comprimento e largura!

Mas, é preciso atacar  
cada casa,  
cada um  
o inimigo  
esperava na passagem.  
O *esser* com o monarquista  
espionam insones –  
onde picam as cobras,  
onde cortam cabeças.  
Você sabe  
o caminho  
para a fábrica de Mihelson?<sup>18</sup>  
Vai encontrar  
pelo sangue  
das feridas de Ilitch.  
Os *esses*  
miram  
não muito certo –  
com a outra ponta  
acertam  
sua própria sobrancelha.  
Mas é mais terrível que bombas  
e que balas de revólveres  
o assédio da fome,  
o assédio dos tifos.  
Vejam –  
voam em volta  
as moscas sobre as migalhas,  
estão mais satisfeitas

---

<sup>18</sup> Fábrica em que Kaplan atirou em Lenin (N. da T.).



do que nós  
 em dezoito, –  
 ficamos em fila  
 pelo pão  
 dia inteiro  
 na rua  
 no frio.  
 Se querem plantem,  
 se querem, envenenem –  
 a fábrica por uma batata –  
 quem precisa dela!  
 O estaleiro  
 de dez blocos  
 apitava  
 e rangia  
 dos esqueros<sup>19</sup>.  
 E os *kulaks*  
 tinham óleo e brioches.  
 A conta dos *kulaks*  
 é simples e certa –  
 esconder os pães  
 e enterrar nos celeiros  
 os nikolaievki  
 e os kerenki.<sup>20</sup>  
 Sabemos –  
 a fome

<sup>19</sup> Entre 1920 e 1921, os trabalhadores, por causa da falta de metal e carvão, produziam esqueros, pedras que, quando em brasa, estalavam no fogo e produziam certos ruídos (N. da T.).

<sup>20</sup> Notas de dinheiro à época da Revolução, receberam os nomes por causa do tsar Nikolai e de Kerenski (N. da T.).

varre limpo,  
é preciso o aperto  
e não a carícia da cera,  
e Lenin  
se levanta  
para lutar com os *kulaks*  
e com as prodotriadi<sup>21</sup>  
e prodrazverstka.<sup>22</sup>  
Será  
que nessa época  
a palavra “democrata”  
em forma de delírio  
entrará na cabeça?!  
Se é para bater,  
então que seja de forma  
que a calçada fique molhada:  
a chave das vitórias –  
na ditadura de ferro.  
Vencemos,  
mas estamos  
em prejuízo:  
a máquina parou,  
as roupas  
são trapos.  
São amontoados de restos!  
São trapos de tapeçaria!

---

<sup>21</sup> Por falta de produtos alimentícios, em 1918, soldados e marinheiros formaram destacamentos que tinham como objetivo fornecer alimentos ao Exército Vermelho e aos moradores de centros industriais (N. da T.).

<sup>22</sup> Programa em que os produtores eram obrigados a entregar ao Estado, de acordo com uma norma, o que produziam e por preços estabelecidos pelo Estado (N. da T.).

Derramem!

Peguem e lavem.

Onde é o porto?

Os faróis

quebraram-se no porto,

adornando,

com os mastros

cruzando as ondas!

Seremos lançados –

no bordo direito

com cem milhões

de carga de camponeses.

Os inimigos estão exaltantes,

entoam gemendo,

mas assim

apenas Ilitch sabia e podia –

de repente

virou

a roda do leme

logo

desviando em vinte rotas.

E logo o silêncio

que até nos assusta;

os camponeses

trazem o pão

ao embarcadouro.

Anúncios simples

– venda –

– compra –

– nep.<sup>23</sup>

Lenin apertou os olhos:

– Façam por ora,  
aprendam o *archin*,<sup>24</sup>  
se não aprenderem  
– estão mal. –

A margem

balançava  
a turma cansada.

Nos acostumamos

à tormenta,  
que ardil é esse?

O golfo

indicado  
por Lenin é profundo

e o ponto

de articulação-atracação  
foi encontrado,

e suavemente

no mundo,  
para a construção do dique,

entrou

o colosso das repúblicas Soviéticas.

E Lenin

em pessoa  
o ferro,  
o tronco

carregou

---

<sup>23</sup> Nova Política Econômica (N. da T.).

<sup>24</sup> Medida equivalente a 0,71 metros (N. da T.).

para abrir  
o caminho.  
Com lâminas de aço  
levantou  
e mediu  
as cooperativas,  
as bancas  
e as empresas.  
E novamente  
Lenin  
é o comandante,  
luzes a bordo,  
na frente e atrás.  
Agora,  
depois de abordagens e tormenta  
passaremos  
para o ataque do trabalho.  
Nos  
desviamos,  
acertando as contas.  
Alguém se deitou –  
à margem  
para lá do navio.  
Agora, em frente!  
É fim do recuo.  
PCR  
ponha a turma a bordo!  
Comuna – cem anos,  
o que lhe são dez dias?  
Em frente –  
e no passado

se esconderá o nepizinho.  
Nos moveremos  
cem vezes mais lentos,  
porém,  
mil vezes  
mais resistentes e fortes.  
Sob esse  
fenômeno pequeno burguês  
ainda  
se agita  
a maré morta,  
mas, as nuvens  
calmas  
uivam com raios,  
já –  
cresce  
a tempestade mundial.  
O inimigo  
substitui  
o inimigo que rareia,  
que seja –  
sobre o mundo  
acenderemos os céus  
– mas fazer isso  
é bem  
mais útil,  
do que  
sobre isso escrever. –  
Agora,  
se bebem  
e se comem,



negro,  
branco  
e colorido –  
formam-se  
sob a bandeira da Comintern.  
Os pilares do imperialismo,  
colunas inexoráveis –  
os burgueses  
dos cinco cantos do mundo,  
com respeito  
suspendem  
as cartolas e coroas,  
reverenciam  
a república Soviética de Ilitch.  
Não  
tememos  
os esforços de ninguém,  
vamos  
em frente  
com o trem do trabalho...  
De repente  
uma notícia terrível –  
Ilitch  
sofreu um ataque.  
Se expuser  
no museu  
o bolchevique em lágrimas,  
um dia inteiro então  
no museu  
passariam os vagabundos.  
É claro –



jamais se verá  
em um século isso!  
As estrelas de cinco pontas  
foram cunhadas em nossas costas  
pelos voievodas<sup>26</sup> dos senhores.  
Vivos  
nos enterraram  
até a cabeça na terra  
os bandos de Mamontov.  
Nos fornos dos trens  
os japoneses nos queimaram,  
enchiam a boca de chumbo e estanho,  
renunciem! – uivavam,  
mas das  
gargantas em fogo  
apenas três palavras:  
– Viva o comunismo! –  
Cadeira atrás de cadeira,  
fileira em fileira  
esse aço,  
esse ferro  
irrompia  
no vinte e dois de janeiro  
no prédio de cinco andares  
do congresso dos Sovietes.  
Acomodavam-se,  
faziam chacotas,  
resolviam

---

<sup>26</sup> Chefe militar e governador de província na Rússia dos séculos XVI-XVIII (N. da T.).

rápido  
coisas pequenas.  
É hora de abrir!  
Por que a demora?  
Por que  
a presidência  
está tão abatida?  
Por que  
os olhos  
estão mais vermelhos que os camarotes?  
O que há com Kalinin?  
Mal para de pé.  
Alguma desgraça?  
Qual?  
Não é possível!  
E se for com ele?...  
Não!  
Será?  
O teto  
caiu  
sobre nós feito um corvo.  
Baixaram as cabeças –  
abaixem mais!  
De repente tremeram  
e ficaram negras  
as luzes em chama dos lustres.  
Engasgou  
o somido do sininho desnecessário.  
Superou a si  
e levantou-se Kalinin.  
Impossível engolir

as lágrimas dos bigodes e das bochechas.  
 Traíram.  
     Brilham no cavanhaque.  
 As ideias se embaralharam,  
                     esmagam a cabeça.  
 O sangue nas têmporas  
                     bate na veia:  
 – Ontem  
     às seis horas e cinquenta minutos  
 Faleceu o camarada Lenin! –  
 Esse ano  
                     viu  
                     o que cem não verão.  
 O dia  
     para os séculos  
                     será uma triste lenda.  
 O terror  
     espremeu o gemido  
                     do ferro.  
 Um choro correu  
                     pelos bolcheviques.  
 O peso é terrível!  
     A si mesmos  
                     levavam de arrastão.  
 Descobrir –  
     como e quando?  
                     O que estão escondendo?  
 Em catafalco  
     pelas ruas  
                     e travessas  
 fluía





Aqui  
cada pedra  
conhece Lenin  
pelo tropel  
dos primeiros  
ataques de outubro.

Aqui  
tudo  
que cada bandeira  
bordou  
foi pensado por ele  
e ordenado por ele.

Aqui  
cada torre  
ouviu Lenin,  
e por ele  
iria  
para o fogo e a fumaça.

Aqui  
cada  
trabalhador  
conhece Lenin,  
o coração dele  
com ramos de pinheiros forraram.  
Ele levava para a batalha,  
e a vitória profetizava,  
e eis que  
o proletariado –  
é dono de tudo.

Aqui  
cada camponês

o nome de Lenin  
no coração  
    inscreveu  
        com mais paixão, do que os dos santos.  
Ele  
    mandou  
        as terras chamar de suas,  
um sonho dos avós,  
        açoitados,  
                que estão em caixões.  
E os comunardos  
        desde a praça Vermelha,  
pareciam,  
    cochichar: – Querido e bondoso!  
Viva,  
    e não é preciso  
        um destino mais maravilhoso –  
cem vezes lutaremos  
        e nos túmulos deitaremos! –  
Agora  
    soariam  
        as palavras do milagreiro,  
para que morrêssemos  
        e o despertassem, –  
a represa das ruas  
    abriria as comportas,  
e com a canção  
    para a morte  
        iriam as pessoas.  
Mas não há milagres,  
    e não se deve pensar neles.

Há Lenin,  
caixão  
e ombros encurvados.  
Ele era um humano  
até o fim do humano –  
carregue  
e se castigue  
com a tristeza humana.  
Nunca  
um peso  
precioso assim  
foi  
carregado  
pelos nossos oceanos,  
como este caixão vermelho  
até a Casa dos Sovietes  
navegando  
nas costas dos choros e das marchas.  
Ainda  
em guarda  
pôs-se de honra  
o exército severo  
do porte de Lenin,  
e as pessoas  
já  
aguardam, paradas  
em toda extensão  
da Tversakaia  
e da Dmitrovka.  
Em dezessete  
era –



para a fila  
do pão não enviava a filha –  
e no dia seguinte comia!  
Mas nessa  
fria  
e terrível fila  
com crianças e com doentes  
estavam todos.  
As aldeias  
erguiam-se  
ao lado da cidade.  
A desgraça com bravura,  
ou tilintar infantil.  
A terra do trabalho  
passava em desfile –  
vivo  
com o balanço  
da vida de Lenin.  
O sol amarelo,  
estrábico e carinhoso,  
surgirá,  
e os raios jogará aos pés.  
Parecem  
esquecidos,  
chorando a esperança,  
curvando-se na desgraça,  
passam os chineses.  
Emergiam  
noites  
nas costas dos dias,  
as horas,

confundindo as datas.  
Parecia  
que não era noite  
e que não havia estrelas,  
choram  
sobre Lenin  
os negros dos EUA.  
O frio nunca visto  
queimava as solas.  
As pessoas  
passam dias e noites  
ao tumulto.  
Até mesmo  
do frio  
bater palmas  
Ninguém se atrevia –  
não pode,  
não é hora.  
O frio pega de jeito  
e arrasta,  
como se  
estivesse  
tirando a prova do amor.  
Entra na multidão.  
Enfia-se no tumulto,  
ingressa  
junto com a multidão atrás das colunas.  
Os degraus crescem,  
espalham-se como recifes.  
E eis que  
silenciam

a respiração e o canto,  
é perigoso pisar –  
sob os pés há um abismo –  
um abismo sem fundo  
de quatro degraus.  
O abismo  
da escravidão em cem gerações,  
onde conhecem  
apenas o soar tilintante do ouro.  
O abismo  
e a margem –  
são o caixão e Lenin,  
e depois –  
a comuna  
em todo horizonte.  
O que se vê?!  
Apenas sua testa, apenas,  
e Nadejda Konstantinovna  
na névoa  
atrás...  
Pode ser que  
nos olhos sem lágrimas  
enxerga-se mais.  
Não olhei  
em  
olhos assim.  
A seda  
das bandeiras que fluem  
inclina-se  
com a última  
honra dada:

“Então, adeus, camarada,  
você passou com honestidade  
seu caminho glorioso, honroso”.

Medo.

Feche os olhos  
e não olhe –  
parece  
que caminhas  
pelo arame do fio.

Como se  
no minuto  
um a um  
ficou  
com a enorme  
e única verdade.

Sou feliz.  
A água da marcha que soa  
leva  
meu corpo imponderável.

Eu sei –  
a partir de agora  
e para sempre  
em mim  
esse minuto  
é o minuto.

Sou feliz,  
que sou  
a força dessa partícula,  
que são comuns  
até mesmo as lágrimas dos olhos.

Impossível

com mais força  
e mais pureza comungar  
do grande sentimento  
chamado –  
classe!

As asas  
das bandeiras  
baixam de novo,  
para amanhã  
novamente  
levantarem-se para as batalhas –  
“Nós mesmos, querido, fechamos  
Seus olhos de águia”.  
Para não cair,  
ombro a ombro,  
bandeiras em luto  
e vermelhas por séculos,  
na última  
despedida de Ilitch  
caminhavam  
e demoravam ao mausoléu.  
Cumriam o cerimonial.  
Falavam discursos.  
Falam – tudo bem.  
Para a desgraça  
um minuto  
é pequeno –  
será que seria  
possível  
dizer tudo sobre o querido!

Passarão



Com dor  
abriu  
a visão triste,  
quase congelado  
parado sem respirar.  
Surge  
diante de mim  
no clarão das bandeiras  
uma bola  
escura  
terrestre e imóvel.  
Sobre o mundo está o caixão,  
imóvel e mudo.  
Ao caixão –  
nós,  
representantes do povo,  
para com as tempestades das rebeliões,  
das coisas e dos poemas  
multiplicarmos aquilo  
que hoje não vimos.  
Mas eis  
que de longe,  
de lá  
do púrpuro  
para o frio,  
na guarda nossa que se calava,  
uma voz –  
como se fosse de Muralov –  
“Caminhe em marcha”.  
Essa ordem  
é desnecessária –





no colchão pulguento.  
Camarada secretário!  
Tome –  
eis!  
Pedimos para filiar  
ao núcleo de Ierkapov  
de uma vez  
coletivamente,  
a fábrica toda... –  
Os burgueses  
olham  
de olhos esbugalhados,  
tremem  
com o tropel de pés fortes.  
Quatrocentos mil  
das máquinas quentes –  
É de Lenin  
a primeira  
coroa do partido.  
– Camarada secretário,  
pegue a caneta...  
Dizem –  
substituiremos...  
É necessário...  
Já sou velho –  
pegue o netinho,  
não é pior –  
ofereça ao komsomol. –  
Frota protegida,  
levante as âncoras,  
é tempo

de as topeiras anfíbias  
irem para o mar.  
“Pelos mares,  
pelos mares,  
hoje aqui,  
amanhã lá”.  
Mais alto, sol!  
Serás testemunha –  
mais rápido  
alise o luto na boca.  
No passo  
dos adultos  
entram as crianças –  
Trá-ta-ta-tá-tá  
Tá-ta-ta-tá.  
“Um,  
dois,  
três!  
Pioneiros somos.  
Não tememos os fascistas  
enfrentaremos as baionetas”.  
Em vão  
o kulak da Europa levantou-se.  
Cobrimos de estrondo.  
Para trás!  
Como ousam!  
Tornou-se  
grandiosa  
organizadora-comunista  
até mesmo  
a própria

morte de Ilitch.  
Já  
sobre as chaminés  
do monstruoso arvoredor,  
as mãos  
de milhões  
de hastes inclinadas  
de bandeira vermelha,  
a Praça Vermelha  
sobe,  
levanta-se  
com arranque forte.  
Dessa bandeira  
de cada dobra  
novamente  
vivo  
Lenin conclama:  
– Proletários,  
formem-se  
para a última batalha!  
Escravos,  
endireitem  
as colunas e os joelhos!  
Exército dos proletários,  
levante-se esguios!  
Viva a revolução,  
radiante e veloz!  
Essa –  
é a única  
grande guerra  
de todas  
que a história já viveu.



# AS TRÊS FONTES E TRÊS PARTES COMPONENTES DO MARXISMO\*

*Vladimir I. Lenin*

Em todo o mundo civilizado, os ensinamentos de Marx atraem para si uma enorme hostilidade e ódio da parte de toda a ciência burguesa (seja estatista ou liberal), a qual vê no marxismo algo como uma “seita perigosa”. Não se deve esperar nenhuma outra atitude, já que numa sociedade erigida sobre a luta de classes não podem existir ciências sociais “neutras”. De uma forma ou de outra, *toda* ciência estatista ou liberal *defende* a escravidão assalariada, enquanto o marxismo declarou uma guerra implacável contra essa escravidão. Esperar que haja ciência imparcial numa sociedade com escravidão assalariada é uma ingenuidade tão absurda quanto esperar que os fabricantes sejam neutros quando lhes questionam se é preciso aumentar os salários dos operários diminuindo os lucros do capital.

Mas não é só isso. A história da filosofia e a história das ciências sociais mostram com clareza meridiana que no marxismo não há nada semelhante a um “sectarismo” no sentido de algum ensinamento fechado, rígido, surgido *separadamente* do caminho principal da evolução da civilização mundial. Ao contrário, toda a genialidade de Marx consiste exatamente em ele ter dado respostas a perguntas já feitas pelos pensadores progressistas da humanidade. Seus ensinamentos surgiram como uma *continuação*

direta e natural dos ensinamentos dos maiores representantes da filosofia, da economia política e do socialismo.

Os ensinamentos de Marx são inquebrantáveis porque são corretos. Eles são completos e coerentes, dando às pessoas uma visão integral de mundo, irreconciliável com toda superstição, todo reacionarismo e toda defesa do jugo burguês. Constituem a herança legítima do melhor que a humanidade criou no século XIX, na forma da filosofia alemã, da economia política inglesa e do socialismo francês.

Vamos nos deter brevemente sobre essas três fontes e, ao mesmo tempo, partes componentes do marxismo.

## I

A filosofia do marxismo é o *materialismo*. Ao longo de toda a história contemporânea da Europa, e em particular no fim do século XVIII, na França, onde havia irrompido um combate encarniçado contra todo tipo de tralha medieval, contra a servidão nas instituições e nas ideias, o materialismo se revelou a única filosofia consequente, fiel a todas as descobertas das ciências naturais, hostil às superstições, à carolice e similares. Por isso, os inimigos da democracia tentaram com todas as forças “refutar”, desmontar e difamar o materialismo e defenderam formas diversas de idealismo filosófico, sempre reduzido, de um jeito ou de outro, ao apoio ou defesa da religião.

Da maneira mais decidida, Marx e Engels advogaram o materialismo filosófico e desvelaram reiteradamente a profunda falsidade de cada desvio desse fundamento. As formulações mais claras e detalhadas de suas visões se encontram nas obras *Ludwig Feuerbach [e o fim da filosofia clássica alemã]* e *O Anti-Dühring*, de Engels, que – à semelhança do *Manifesto Comunista* – são os livros de cabeceira de qualquer operário consciente.

Marx, porém, não se deteve no materialismo do século XVIII, mas fez a filosofia avançar. Ele a enriqueceu com os aportes da filosofia clássica alemã, sobretudo do sistema de Hegel, que por sua vez conduziu ao materialismo de Feuerbach. Desses aportes, o principal foi a *dialética*, isto é, a doutrina do desenvolvimento em seu aspecto mais pleno, profundo e isento de unilateralismo, a doutrina da relatividade do conhecimento humano, que nos dá a imagem da matéria em evolução perpétua. As mais recentes descobertas das ciências naturais – o elemento rádio, os elétrons, a transformação dos elementos – comprovaram admiravelmente o materialismo dialético de Marx, em detrimento das doutrinas dos filósofos burgueses com suas “novas” recaídas no velho e podre idealismo.

Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx o levou até o fim, estendendo sua compreensão da natureza à compreensão da *sociedade humana*. A mais alta conquista do pensamento científico é o *materialismo histórico* de Marx. O caos e o arbítrio que até então reinavam nas visões sobre a história e a política espantosamente deram lugar a uma teoria científica integral e coerente, que mostra como a partir de determinada formação social desenvolve-se, na sequência do aumento das forças produtivas, outra formação, mais elevada – por exemplo, do feudalismo nascendo o capitalismo.

E exatamente tal como a compreensão do homem, independentemente dele, reflete a natureza existente, isto é, a matéria em desenvolvimento, da mesma forma a *compreensão social* do homem (ou seja, as diversas visões e doutrinas filosóficas, religiosas, políticas etc.) reflete a *estrutura econômica* de uma sociedade. As instituições políticas constituem uma superestrutura sobre a base econômica. Vemos, por exemplo, como as diversas formas políticas dos Estados europeus modernos servem para reforçar o domínio da burguesia sobre o proletariado.

A filosofia de Marx é o materialismo filosófico finalizado, que deu à humanidade, em particular à classe operária, grandes ferramentas de conhecimento.

## II

Reconhecendo que a estrutura econômica constitui a base sobre a qual se ergue a superestrutura política, Marx dedicou sua atenção, antes de tudo, a conhecer essa estrutura econômica. Principal trabalho de Marx, *O capital* é consagrado ao estudo da estrutura econômica da sociedade atual, isto é, capitalista.

Antes de Marx, a Economia Política clássica havia amadurecido na Inglaterra, o país capitalista mais desenvolvido. Adam Smith e David Ricardo, pesquisando a estrutura econômica, deram início à *teoria do valor-trabalho*. Marx continuou o trabalho deles e deu um fundamento sólido e um desenvolvimento lógico a essa teoria. Ele mostrou que o valor de toda mercadoria é definido pela quantidade do tempo de trabalho socialmente necessário que decorre ao se produzir a mercadoria.

Lá onde os economistas burgueses viam uma relação entre coisas (a troca de uma mercadoria por outra), Marx revelou *relações entre pessoas*. A troca de mercadorias expressa uma ligação entre produtores individuais sob a intermediação do mercado. O *dinheiro* significa que essa ligação está se tornando cada vez mais estreita, unificando irreversivelmente a vida econômica inteira dos produtores individuais num todo único. *O capital* indica o desenvolvimento subsequente dessa ligação: a força de trabalho do homem se torna mercadoria. O operário assalariado vende sua força de trabalho ao proprietário da terra, da fábrica, dos instrumentos de trabalho. O operário emprega uma parte de seu dia de trabalho para cobrir as despesas que mantenham a si e à sua família (salário), e na outra parte de seu dia o operário trabalha



de graça, criando a *mais-valia* para o capitalista, a fonte do lucro, a fonte da riqueza da classe capitalista.

As lições sobre a *mais-valia* são a pedra angular da teoria econômica de Marx.

O capital, criado com o trabalho do operário, oprime o mesmo operário, arruinando os pequenos fabricantes e formando um exército de desempregados. Na indústria, o triunfo da grande produção é imediatamente visível, mas na agricultura também vemos o mesmo fenômeno: a superioridade da grande lavoura capitalista está aumentando, o emprego de máquinas está crescendo, a economia camponesa, em declínio e ruína sob o jugo de uma técnica atrasada, está caindo no laço do capital financeiro. Na agricultura há diferentes formas de decadência da pequena produção, mas a decadência em si é um fato indiscutível.

Suprimindo a pequena produção, o capital conduz ao incremento da produtividade do trabalho e à formação de uma posição monopolística ocupada pelas alianças entre grandes capitalistas. A produção em si está se tornando cada vez mais social – centenas de milhares e milhões de operários são postos em ligação num organismo econômico planificado –, mas o produto do trabalho comum é apropriado por um punhado de capitalistas. Estão crescendo a anarquia na produção, as crises, a busca treloucada por mercados e a penúria material do grosso da população.

Aumentando a dependência do operariado face ao capital, o regime capitalista forma uma grande força de trabalho unificada.

Marx examinou a evolução do capitalismo desde os primeiros germes da economia mercantil, desde a simples troca até suas formas superiores, até a grande produção.

E a experiência de todos os países capitalistas, tanto os velhos quanto os novos, mostra a um número cada vez maior

de operários, ano após ano e de forma patente, a justeza desse ensinamento de Marx.

O capitalismo triunfou no mundo inteiro, mas essa vitória constitui apenas a antessala da vitória do trabalho sobre o capital.

### III

Quando a servidão foi abolida e apareceu nesse mundo de Deus a sociedade capitalista “*livre*”, logo se descobriu que essa liberdade significava um novo sistema de opressão e exploração dos trabalhadores. Variadas doutrinas socialistas começaram rapidamente a surgir, como uma réplica a esse jugo e um protesto contra ele. Mas o socialismo inicial era um socialismo *utópico*. Ele criticava a sociedade capitalista, condenava-a e amaldiçoava-a, sonhava com sua destruição, fantasiava sobre o melhor dos regimes, convencia os ricos quanto à imoralidade da exploração.

Mas o socialismo utópico não podia indicar uma saída efetiva. Ele era incapaz de desvelar a essência da escravidão assalariada sob o capitalismo, de descobrir as leis de seu desenvolvimento e de encontrar a *força social* que está apta a se tornar a artífice de uma nova sociedade.

Além disso, as explosivas revoluções que acompanhavam a queda do feudalismo e da servidão por toda a Europa, em particular na França, demonstravam com crescente evidência que a base e a força motora de todo desenvolvimento são a *luta de classes*.

Nenhum triunfo da liberdade política sobre a classe senhorial foi conquistado sem uma resistência encarniçada. Nenhum país capitalista se estabeleceu sobre bases mais ou menos democráticas sem uma luta mortífera, e não pacífica, entre as diversas classes da sociedade capitalista.

A genialidade de Marx consiste em ele ter, antes de todos, sabido tirar daí e levar às últimas consequências a conclusão

ensinada pela história mundial. Essa conclusão é a doutrina da *luta de classes*.

As pessoas sempre foram e sempre serão vítimas ingênuas do engano e do autoengano em política, enquanto não aprenderem algo além de qualquer proclamação ou fraseado moral, religioso, político ou social prometendo decifrar os *interesses* destas ou daquelas classes. Os partidários de reformas e melhorias sempre serão enganados pelos defensores do antigo enquanto não entenderem que toda velha instituição, por mais bruta e carcomida que pareça, escora-se nas forças destas ou daquelas classes dominantes. E para esmagar a resistência dessas classes, existe *apenas um* meio: encontrar na própria sociedade que nos circunda, esclarecer e organizar para a luta aquelas forças que podem – e *devem*, dada sua posição social – reunir a força capaz de varrer o velho e criar o novo.

Somente o materialismo filosófico de Marx indicou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetavam até hoje todas as classes oprimidas. Somente a teoria econômica de Marx desvelou a verdadeira situação geral do proletariado no regime capitalista.

Em todo o mundo, da América ao Japão e da Suécia à África do Sul, multiplicam-se as organizações independentes do proletariado. Com educação e esclarecimento, ele está conduzindo sua luta de classes, livrando-se dos preconceitos da sociedade burguesa, coligando-se em ascendente união, aprendendo a avaliar a medida de seus sucessos, aguerrindo suas forças e crescendo impetuosamente.

### Nota

\* O artigo “*As três fontes e três partes componentes do marxismo*” foi escrito por V. I. Lenin para o 30º aniversário da morte de Karl Marx e publicado na revista *Prosvetshenie* (*Esclarecimento*), n. 3, 1913.

“*Prosvetshenie*” foi uma revista teórica bolchevique que saía legalmente

todo mês; foi editada em São Petersburgo de dezembro de 1911 a junho de 1914. A tiragem da revista chegava a 5 mil exemplares.

A revista foi criada por iniciativa de V. I. Lenin para substituir a revista bolchevique *Mysl* (*Pensamento*), publicada em Moscou e fechada pelo governo tsarista. Participaram da revista V. V. Vorovski, A. I. Ulianova-Ielizarova, N. K. Krupskaja, V. M. Molotov, M. S. Olminski, I. V. Stalin e M. A. Saveliev. Para dirigir a seção de literatura de *Prosveschenie*, Lenin chamou A. M. Gorki. De Paris, e depois de Cracóvia e Poronin, Lenin dirigia *Prosveschenie*, redigia artigos e conduzia uma correspondência regular com membros do conselho editorial. Na revista foram publicados os trabalhos de Lenin “As três fontes e três partes componentes do marxismo”, “Notas críticas sobre a questão nacional”, “Sobre o direito das nações à autodeterminação”, entre outros.

A revista desmascarava os oportunistas (liquidacionistas, otzovistas, trotskistas), bem como os nacionalistas burgueses, esclarecia a luta da classe operária nas condições de uma nova ascensão revolucionária e fazia a propaganda das palavras de ordem bolcheviques na campanha eleitoral para a 4ª Duma de Estado; ela atuava contra o revisionismo e o centrismo nos partidos da 2ª Internacional. A revista desempenhou um importante papel na educação internacional marxista dos trabalhadores de vanguarda da Rússia.

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a revista *Prosveschenie* foi fechada pelo governo tsarista. Na primavera de 1917 a edição do jornal foi retomada, mas saiu apenas um número (duplo), no qual foram publicados os trabalhos de Lenin “Os bolcheviques vão conservar a direção do Estado?” e “Para a revisão do programa do Partido”.